



UNINDO VOZES CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

14 artistas israelenses expõem suas obras

29 DE MARÇO, DAS 10H ÀS 19H
OABDF - HALL DE ENTRADA

Curadoria



Apoio cultural



CONSULADO GERAL
DE ISRAEL EM SÃO PAULO
משרד התיירות והאזרחות



Realização



FEDERAÇÃO
ISRAELITA
DO ESTADO DE
SÃO PAULO
FISESP

JUNTOS FAZEMOS MAIS

UNINDO VOZES CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A voz dos que não podem falar

Mais uma vez, a arte é ferramenta para contar uma história.

No dia 7 de Outubro de 2023 terroristas do grupo Hamas, fortemente armados, realizaram um ataque brutal, massacrando 1.200 civis, além de sequestrar dezenas de crianças, jovens, adultos e idosos.

Desde então, uma história cujas páginas vêm sendo escritas diariamente, com tintas de sangue e lágrimas como pincéis. Mais uma vez, a arte se apresenta como uma voz de denúncia de uma realidade que muitos ousam negar, outros não querem ou não suportam ouvir tamanha a dor que carregam. Esta exposição traz não apenas a voz dos artistas, mas principalmente daqueles que não podem falar, mostrando de forma inegável como a violência contra a mulher fez parte de uma estratégia friamente planejada pelo grupo terrorista Hamas.

As mulheres foram alvos específicos de humilhação, estupros, mutilação sexual e profanação, frequentemente seguidos de execução.

Cada etapa destas atrocidades foi registrada pelas câmeras dos próprios perpetradores e atestada por médicos, e provando, de forma irrefutável, a extensão da tragédia do 7 de outubro de 2023 contra civis israelenses e de outras nacionalidades. E mesmo com todas estas evidências, organizações internacionais, de Direitos Humanos, grupos de mulheres e parte da mídia mundial, se mantiveram em silêncio

A exposição destaca a união global das mulheres na luta para acabar com a violência baseada em gênero, analisando esta tragédia.

É um alerta sobre a necessidade de condenar a utilização de corpos de mulheres como instrumento de guerra e a necessidade de aplicar o Direito Internacional para proteger não apenas as mulheres israelenses, mas toda a comunidade internacional.

O projeto é organizado pelo Grupo de Empoderamento e Liderança Feminina da Federação Israelita do Estado de São Paulo ELF/FISESP.

Uma referência a Chagall aqui, outra a Matisse acolá. Também tem Picasso e Magritte . Gênios cujas obras estão na iconografia do século XX, que já vimos seja num museu, num livro ou na internet. Mas não há referência pictórica possível capaz de tornar familiar, próximo, palatável, aquilo que é o oposto de tudo isso: a violência contra nós , mulheres. O horror. A barbárie.

Talvez o mais cruel seja saber que o que choca não chocou a todas e todos. E que estupros, mutilações de órgãos sexuais e feminicídios são tão antigos quanto a Humanidade. Não serei eu a primeira a escrever que a violação de um corpo feminino é das armas mais baratas já criadas pelos homens.

Olhemos as obras: 22 painéis, como 22 são as letras do hebraico e quem sabe haja algum sentido nisso, deixo aos especialistas em Cabala a resposta. Tampouco sou curadora, crítica de arte ou mesmo artista e sim apenas uma amante da arte que sob essa condição e enquanto mulher judia, mas muito distante de Israel no fatídico 7 de outubro olha as criações de Geffen, Hagit, Keren, Marian, Meray, Noa, Omer, Or, Oren, Orit, Reut, Sigal, Tamar e Zoya, com vontade de dar um abraço em cada uma.

Essa exposição tem voz. Ouçam com seus olhos o que se está a dizer. Vejam com o coração. E pensem nas mulheres violadas, nos reféns e, por favor, nas dezenas de milhares de vítimas em Gaza. Sobretudo crianças. E mulheres. As maiores vítimas de qualquer conflito, costumeiramente, somos nós.

“Chazak veematz”, aqui na forma transliterada, quer dizer “força e coragem” e, me ensinou o professor de hebraico, é expressão recorrente em Israel. Para sermos empáticos, para entendermos a dor do outro e da outra precisamos de força e coragem. Para caminharmos na direção da paz, precisamos de força e coragem. E a arte é exatamente sobre isso: força e coragem.

Leila Sterenberg | Jornalista

O silêncio.

No sábado, 7 de outubro de 2023, o grupo terrorista Hamas foi responsável pelo maior atentado ao povo judeu desde a Segunda Guerra Mundial. Diante da barbárie perpetrada contra meninas e mulheres judias, o silêncio. A resposta aos gritos de socorro, de horror, de dor, foi o silêncio da comunidade internacional, de grupos feministas, de entidades de proteção feminina.

O silêncio.

O estupro como arma de guerra é historicamente usado para que o corpo das mulheres seja marcado como território vencido e arrasado. Vai além da violência sexual descrita como vazão ao instinto masculino. É estratégia brutal contra a mulher, método rudimentar e desumano para humilhar e aterrorizar o povo rendido e criar um estado de trauma coletivo. Um crime, por vezes, considerado menor numa guerra tal qual a violência de gênero no nosso dia a dia. Como vemos agora. Diante dos casos de estupro contra judias, o silêncio. A convivência. O desdém.

Judeus do mundo todo sentem e choram o sofrimento de mulheres e meninas, alvos do sadismo de um grupo terrorista que foi abraçado com status de "combatentes pela liberdade". Que liberdade é essa que aprisiona seres humanos

num pesadelo que não acaba e que nega às vítimas a legitimidade do calvário a que foram submetidas?

Relatos de sobreviventes e de testemunhas, vídeos, confissões dos próprios terroristas revelam que mulheres de todas as idades não foram só estupradas, mas barbarizadas. Foram violadas por fileiras de homens, desfiladas como bichos abatidos, tiveram seios decepados, as cabeças como troféus nas mãos dos estupradores. A arte quebra o silêncio e grita para que as vítimas sejam ouvidas.

Mariliz Pereira Jorge | Jornalista

Pessoas por trás das obras

Keren Shpilsher

A artista diz que desde o início da guerra não desligou a televisão e não parou de pintar. “No início da guerra, eu não pensava em nada. Na primeira semana, fiquei muito deprimida e percebi que se não me levantasse rapidamente e fizesse o que eu sou o melhor, eu afundaria.” Desde então ela desenha o tempo todo. Podem ser duas da manhã, 6h da manhã ou 12h da tarde. É isso que faz, além de limpar a casa. E disse: “Tudo vira símbolo e não devo perder nada, documentar numa pintura, para não esquecer, para que não esqueçamos, para que não digam que não foi. “O que está acontecendo agora é a realização de todos os meus medos”.

Criadora de várias obras sobre as atrocidades do 7 de outubro de 2023, Keren inspirou-se em um trabalho de Marc Chagall, “Au-dessus de la ville” e a partir deste criou a “Au-dessus de la ville rouge” incluindo elementos como manchas vermelhas, numa referência ao sangue das vítimas do terror, e uma tarja comum nas cenas de crimes na qual escreve em hebraico “Proibido Passar”. Keren inspirou-se também em Picasso para mais um trabalho. A partir da obra “Les demoiselles d’Avignon”, criou “As Filhas de Be’eri”.



“As Filhas de Be’eri”
Tributo a Les Demoiselles d’Avignon



“Au-dessus de la ville rouge”
Tribute a Chagall

Noa Kelner

Famosa Ilustradora, co-fundadora e diretora artística do Jerusalem's Outline Festival, não poderia deixar de estar presente numa mostra como esta, cujo tema central é a violência contra a mulher como ferramenta de guerra. Sua obra revela o papel e a força da mulher, da mãe, em sua missão de proteger a família e manter distante o terror do inimigo.



"Guerra"

Marian Boo

"A última Dança", uma obra que dispensa palavras. Marian Boo transformou a famosa "La Danse" de Henri Matisse em algo chocante. As mulheres retratadas em seu quadro não ficam extasiadas com a alegria de espírito livre enquanto giram de mãos dadas. Elas estão encharcadas de sangue dançando em uma poça de sangue. Na sua versão da pintura de Matisse, ela incluiu uma menina que havia visto num vídeo do Hamas com as calças coloridas "cheias de sangue", uma garota cujo corpo foi identificado duas semanas após o ataque, e a mulher grávida cujo bebê foi arrancado de seu ventre.



"Última dança"

Or Yogev

A manhã do dia 7 de outubro pegou o ilustrador Or Yogev na frente do Telegram. “De todos os horrores que aconteceram lá, houve uma imagem, de uma mãe e seus dois bebês sendo sequestrados para a Faixa de Gaza. Esta imagem ficou na minha cabeça e deixou claro para mim que estávamos em uma situação diferente de qualquer outra coisa que sabíamos até agora. Quando me concentrei para ilustrar esta situação, ficou claro para mim que deveria ser algo muito simples e simétrico, que fosse memorável e não muito sofisticado, porque as pessoas deveriam olhar para ela e compreender a imagem diretamente e ser ativadas emocionalmente, como aconteceu comigo - ver uma imagem clara e estremecer com ela”, disse o artista.



Zoya Cherkassky Nnadi

As imagens horríveis de 7 de outubro de 2023 estão na mente dela o tempo todo. Como artista, a melhor maneira de lidar com o seu trauma, bem como com o trauma coletivo de todos os israelenses, tem sido criar arte e partilhá-la com o mundo. O resultado são trabalhos urgentes, assustadores e comoventes no papel. Disse ela: “Acho que neste momento é muito importante conscientizar o mundo sobre o que está acontecendo. Às vezes as pessoas justificam automaticamente tudo o que vem da Palestina. Nem sequer compreendem a diferença entre a Palestina e o Hamas, ou entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. Eles apoiam automaticamente a Palestina... Essa situação agora é muito diferente, então é muito importante para mim tentar explicar do meu jeito, do jeito que eu consigo fazer”. Desde 7 de outubro o ataque terrorista do Hamas tem sido tema recorrente em suas obras. Está com uma exposição em cartaz no museu judaico de NY.



“Fugindo do Festival “Nova Music”



"Vítima de estupro"



"Mulheres Sequestradas"



"Família se escondendo"

Omer Zimmermann

Ilustrador e designer gráfico sintetizou com uma frase o sentimento de vários artistas israelenses que começaram a criar trabalhos a partir do 7 de outubro de 2023: "Era importante para nós criar algo que fosse além das imagens de terror. Zimmermann faz parte de um grupo de ilustradores que descrevem, numa página do Instagram atualizada diariamente, os assassinados, os sequestrados e os soldados recrutados para as reservas



"Yaffa Adar"

Oren Fischer

Desenhista, escultor e produtor de vídeos, como muitos desde 7 de outubro, duvida de tudo o que pensava e sabia. Como parte de sua luta pessoal, ele decidiu que iria "desenhá-la" e carregá-la na web todos os dias. Suas ilustrações aparentemente ingênuas são baseadas em imagens da guerra e chamam a atenção tanto para seus heróis quanto para os responsáveis. Ativista pacifista, os acontecimentos de 7 de outubro chocaram-no e surpreenderam-no. Fizeram-no reavaliar e repensar muitas coisas que achava que sabia e das quais tinha certeza. "Não pude evitar e assisti aos vídeos horríveis que surgiram de todos os lados. Senti que estava sendo preenchido por sentimentos tempestuosos de raiva, raiva, desespero e desamparo".



"Deixe nosso pessoal ir agora!"



"Não vamos esquecer e não vamos perdoar"



"Kibbutz Beeri"

Shaylee Atary

O cineasta Yahav Winner, marido da também cineasta Shaylee Atary, foi uma das milhares de vítimas do ataque terrorista do Hamas no dia 7 de outubro de 2023. O casal vivia no kibutz KfarAza com sua filha recém-nascida Shaya quando o local foi invadido. Começava o pesadelo. Yahav morreu tentando proteger a família. Depois de 26 horas escondida, Shaylee conseguiu fugir com sua filha. Ao saber da morte de seu marido através de um noticiário de televisão, Shaylee dirigiu-se ao hospital onde fora levado o corpo de Yahav com um pedido: que fosse coletado esperma de Yahav para que ela pudesse, através de um processo de fertilização, ter mais um filho do marido no futuro. Infelizmente, era tarde demais! Os médicos já não podiam atender o seu pedido. É esta história que Shaylee conta no vídeo que faz parte desta exposição.



SHAYLEE'S STORY
OCTOBER 7, 2023

Escanele o QR Code e veja a história de Shaylee Atary que foi confrontada com a morte e escolheu a vida, contra todas as probabilidades. Ainda temos tempo para trazer nossas filhas e filhos de volta. Traga-os para casa agora.

Mentors: Eden Fuchsler, Yoad Haber
Art Director: Eden Fuchsler, Yoad Haber
Lead Producer: Liora Shapira
Production Producer: Hani Shapira
Design: Yael Fuchsler, Ofir Shapira
Graphic Artist: Yoad Haber, Eden Fuchsler, Roi Kagan
Illustration: Yael Fuchsler
Animation and Storyline: Yael Fuchsler, Eden Kagan, Aviv Shapira, Sara Shalev, Tom Shapira, Yoad Haber
Casting: Yael Fuchsler
Casting Director: Yael Fuchsler
Production: Yael Fuchsler, Roi Kagan
Sound Director: Ofir Shapira
Music: Yael Fuchsler
Production Office: Yael Fuchsler, Ofir Shapira, Yoad Haber and Hani Shapira

Merav Shinn Ben-Alon

A obra retrata Naama Levi, uma jovem de 19 anos que foi arrancada da base militar Nahal Oz e foi vista em um vídeo gravado pelos terroristas com a calça ensanguentada, sendo colocada em um carro. Não se sabe dela, ainda permanece como refém...



“Traga-a para casa”

Tamat Kharitonov



"Israel Sangrando"

Hagit Frenkel



"Israel Sangrando"

Orit Magia Schwalb



"Israel Sangrando"

Geffen Rafael



Sigaluna



"O abraço"

Reut Asimini



"Isto não é um chapéu"